

O Estatuto da Família como norte para debate: reflexões sobre Gênero e Família no jornal Folha do Norte do Paraná¹

The Family Statute as a north for debate: reflections on Gender and Family in the newspaper Folha do Norte do Paraná

Gessica Aline SILVA²
Ivania SKURA³

Resumo

Este artigo visa questionar algumas concepções contidas no conceito de núcleo familiar proposto pelo Estatuto da Família. São tecidas breves reflexões ilustradas por reportagens que abordaram o tema na década de 1960 no Jornal Folha do Norte do Paraná cujos significados são analisados pela lente conceitual dos estudos de gênero. Mudanças sociais atuais também são colocadas em análise, em similaridade com o cenário abordado, a partir do uso de notícias e de publicações que atualizam a temática. São trazidos exemplos para abordar a noção cristalizada de família que gira em torno do modelo pai, mãe e filhos cuja legitimidade social se origina no contexto religioso. Ao mesmo tempo, mostra-se que cada vez mais, a palavra “família”, na contramão dessa concepção, passa a contemplar diversas outras uniões.

Palavras-chave: Núcleo familiar. Gênero. PL 6583/13.

Abstract

This article aims to question some of the concepts contained in the core's family concept proposed by the Estatuto da Família (statute of the family). Brief reflections are woven, illustrated by reports that addressed the issue in 1960 in the newspaper Folha do Norte do Paraná whose meanings are analyzed by the conceptual lens of gender studies. Current social changes are also placed under review, in similarity to the addressed scenario, starting from the use of news and publications that update the theme. Examples are brought in to address the crystallized sense of family that revolves around the father model, mother and children whose social legitimacy originates in the religious

¹ Íntegra da proposta está disponível para consulta em: <<https://goo.gl/xPHKHL>>. Acesso: 16 abr. 2015.

² Mestranda no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: ivaniaskura@hotmail.com

³ Doutoranda em Comunicação e Linguagens (Linha de pesquisa: Processos mediáticos e práticas comunicacionais) pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), Curitiba/PR. E-mail: gessica58@hotmail.com

context. At the same time, it shows that each time most, the word "family", in the opposite direction of this concept, begins to contemplate several other unions.

Keywords: Family nucleus. Gender. PL 6583/13.

Introdução

O Estatuto da Família – Projeto de Lei 6583/13⁴, aprovado em setembro de 2015, propõe diretrizes de políticas públicas direcionadas à entidade familiar, mas “o que tem gerado polêmica é a definição de entidade familiar como núcleo formado a partir da união entre homem e mulher” (CÂMARA 2014). O deputado Anderson Ferreira (PR-PE), idealizador da proposta, aponta que “a família vem sofrendo com as rápidas mudanças ocorridas em sociedade” (CÂMARA, 2015) e o texto preliminar do PL visa reger que o poder público garanta “condições mínimas para a sobrevivência” da união referida.

O Portal da Câmara lançou uma enquete em 11 de fevereiro de 2014 para coletar opiniões com a pergunta: “Você concorda com a definição de família como núcleo formado a partir da união entre homem e mulher, prevista no projeto que cria o Estatuto da Família?”. A votação foi encerrada em 21 de agosto de 2015, recebeu mais de 10 milhões de participações, com 5.307.905 votos “não”, 4.944.827 votos “sim” e 29.338 votos “não tenho opinião formada”. O resultado, contudo, foi contestado pelo Cenin (Centro de Informação) da Câmara, por detecção indícios de fraudes e possível uso de “robôs” na votação (PRAZERES, 2015). A divulgação da enquete foi ampliada por *lobbys* protagonizados, geralmente, de um lado, por instituições religiosas e, de outro, por coletivos ligados a movimentos LGBTTQI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer e Intersexuais).

Chamou atenção também a defesa da concepção contida no voto negativo por parte de uma ação nas redes sociais digitais promovida pelo Humaniza Redes – Pacto Nacional de Enfrentamento às Violações de Direitos Humanos na internet⁵.

⁵ Site oficial da proposta disponível em: <<http://www.humanizaredes.gov.br/o-que-e/>>. Acesso em: 16 abr. 2015.

Imagem 1 - É tudo família.



Fonte: Humaniza Redes (2015)⁶.

O site visava promover a difusão de informação sobre modos de denunciar práticas de incitação da violência, discriminação contra as mulheres, homofobia, racismo, xenofobia e intolerância com a diversidade religiosa na *web*. Uma das imagens divulgadas pela página ligada à Presidência da República (Imagem 1) defende a concepção de que o emprego da palavra “família” vem tomando novos significados.

A presidente Dilma Rousseff, em sua conta oficial do Facebook, publicou também uma postagem semelhante, com a legenda “O que importa é o amor” cujo conteúdo elucida: “as famílias brasileiras são muitas. O censo 2010 enumera 19 laços de parentesco” (Imagem 2).

⁶ Disponível em: <<http://www.humanizaredes.gov.br/participe/>>. Acesso em: 16 abr. 2015.

Imagem 2 - As famílias brasileiras são muitas.



Fonte: Facebook (2015)⁷.

Neste sentido, inclusive, para denotar posição contrária ao Estatuto da Família, uma campanha denominada “Todas as famílias”, idealizada pela Associação Brasileira de Famílias Homoafetivas, Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual do Rio de Janeiro, Instituto Houaiss e agência de publicidade NBS, alterou significado de “família” no Dicionário Houaiss que antes era “grupo de pessoas vivendo sob o mesmo teto (o pai, a mãe e os filhos)” para “núcleo social de pessoas unidas por laços afetivos, que geralmente compartilham o mesmo espaço e mantém entre si uma relação solidária” (DELCOLLI, 2016, p. 1). O dicionário Michaelis, nesta mesma direção, após pedido de uma petição lançada no site Change.org, alterou o verbete “casamento” de “união legítima de homem e mulher/ união legal entre homem e mulher, para constituir família [...]” para “ato solene de união entre duas pessoas; casório, matrimônio/cerimônia que celebra vínculo conjugal; matrimônio” (FORUM, 2015, p.1).

⁷ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/SiteDilmaRousseff/photos/a.351365628250368.87876.351338968253034/996309157089342/?type=3&theater>>. Acesso em: 26 set. 2015.

Essas campanhas e problematizações são o ponto de partida para esse artigo, pois nos instigou a pensar a historicidade e o desenvolvimento dos estudos da família, que desde o século XIX, pela antropologia, em especial, apontavam para a influência social na constituição de células familiares.

História da família ou família na história

No contexto brasileiro, destacamos os estudos de Gilberto Freyre e Antônio Candido. O primeiro modelo, proposto por Freyre, explica a Família Patriarcal Rural, como um tipo fixo presente em zonas de grande unidade agrária de produção (como o caso da economia açucareira), no qual o casamento visava a indivisibilidade da propriedade, sendo fundamental para o desenvolvimento do Brasil Colônia. O segundo, apresentado por Candido, é o da Família Conjugal Moderna, centrado no contexto urbano, que se caracteriza pela presença do casamento como uma forma de suprir as necessidades sexuais e emotivas. Apesar da importância histórica e da influência destes estudos, Mariza Corrêa (1981) explica que acabam por homogeneizar a realidade brasileira, além de focar apenas na constituição das famílias das classes dominantes, invisibilizando as formas alternativas de organização.

Neste sentido, as pesquisas a partir dos anos 1970 e 1980, por meio de contribuições do movimento feminista e seus avanços em estudos contrários à ideia cristalizada da família nuclear funcionalista própria da sociedade industrializada, passaram a enfatizar a flexibilidade e a pluralidade das formações familiares brasileiras (NADER; RANGEL, 2015). A multiplicidade de modelos familiares na sociedade brasileira a partir de inferências com o contexto social e econômico, demonstra como em diferentes regiões ocorreram processos diversos de formação das famílias (SAMARA, 2002).

Alguns momentos históricos marcam mudanças na constituição das famílias. Entre eles, a virada a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX, em que se constroem argumentos e discursos médicos que instrumentalizaram a formação das famílias nucleares, formadas pelas figuras do pai, mãe e filhos, em um contexto no qual as mulheres passam ocupar um papel central para concretização desse projeto social, cujo objetivo era civilizar e modernizar os costumes. O desenrolar do século XX

marca, por sua vez, a ampliação dos núcleos familiares no Brasil, fruto dos processos de desquite (posteriormente, divórcio) e a formação de novos lares por estes casais divorciados. Recentemente, a adoção de crianças por casais homossexuais, desloca também a constituição da família centrada apenas na figura tradicional do pai e da mãe, provocando debates em diferentes meios como os do direito, da ciência e da religião.

Para questionar as concepções contidas no conceito de núcleo familiar por um resgate histórico, recortamos reportagens de uma imprensa regional paranaense que abordou o tema na década de 1960, o Jornal Folha do Norte do Paraná.

Do contexto histórico

A história do jornal Folha do Norte do Paraná localiza-se no cenário das décadas de 1960 e 1970, que compreendem o período de desestabilização dos governos democráticos e a instauração, consolidação e intensificação da Ditadura Civil-Militar brasileira. Marca também o processo de censura e o aumento das mobilizações sociais que lutavam pelo retorno da democracia e das liberdades individuais e somam-se a mudanças econômicas no país e na região, como o processo de industrialização, urbanização e mecanização das lavouras para exportação e a popularização de bens de consumo importados. As mídias, por sua vez, passam a enfatizar o discurso de modernização, contribuindo para elaborações de novas mentalidades, comportamentos, estilos de vida, influências que alteraram o cotidiano nacional.

O norte paranaense foi marcado pelo crescimento dos municípios recém-criados, dentre os quais a cidade de Maringá, município sede do jornal. A cidade foi fundada em 1947 e já em 1956 se tornou sede de bispado. Em 1962, sob direção do bispo Dom Jaime Luiz Coelho, foi publicada a primeira edição do Jornal Folha do Norte do Paraná⁸. O jornal, idealizado como “paladino da moral e dos bons costumes”, impunha modelos sociais e identitários à época.

Quando da criação e circulação do periódico, a sociedade brasileira mostrava sinais de mudanças, no crescimento do consumo e das cidades, pelo surgimento do

⁸ O bispo também foi o idealizador da obra que hoje faz parte dos cartões postais da cidade, a Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória, inaugurada em 1972. O jornal cessou em 1979, tendo circulado em boa parte do estado do Paraná, com impressão diária de mais de 4 mil exemplares, que circularam em mais de 90 cidades.

Rock and Roll nacional e da intensificação de uma cultura de massa. Olhar para este cenário do início da década de 1960, por meio das páginas de uma imprensa regional, nos permitiu observar que muitas das discussões levantadas ainda não foram encerradas.

Ao folhear as edições do jornal, destacamos o cenário de produção da imprensa em regiões interioranas no século XX, cuja função não era só informar, noticiar ou atualizar, mas cabia também o papel pedagógico de educar e articular uma cultura local aos moldes das capitais. Nesta perspectiva, é sintomático perceber que no período de circulação do periódico, entre os anos de 1962 e 1979, as conteúdos sobre a família já giravam em torno de temas "polêmicos" tais como divórcio, emancipação feminina, erotismo, entre outros.

Quando analisamos, ainda que brevemente, o cenário deste periódico diário, podemos compreender porque as matérias que trataram da temática "família", trazem consigo noções alinhadas às percepções da Igreja Católica e, por isso, afinadas à tradicional noção de família como união entre homem e mulher.

Das reflexões teóricas

Os aportes teóricos que permitem a abordagem proposta advém de mudanças nas ciências a partir do século XX, como a admissão da relatividade e da subjetividade do conhecimento científico. Nesse processo, o movimento dos *Annales*, fundado na França por Marc Bloch e Lucien Febvre, ainda na década de 1920, constitui-se em uma fonte de ares renovadores para historiografia até então, ao posicionar-se contrária à historiografia centrada na narrativa de viés político acerca das ações dos grandes homens e pautada no uso de fontes oficiais produzidas pelo estado. Os *Annales* constituem a proposta de uma nova história, produzida a partir de pressupostos como a interdisciplinaridade e a abordagem de diferentes fontes.

Nesse momento, expressam-se inquietudes e experiências de um novo exercício histórico, ao propor a pesquisa de sujeitos e objetos como mulher e família, infância e educação, livro e leitura, tratando do cotidiano e das contradições da história humana, proporcionando não somente uma ampliação das fontes, mas também das abordagens e objetos de estudo.

Contribuindo para essa construção de uma historiografia que questiona a centralidade do sujeito universal da história, aliam-se também as contribuições teóricas dos movimentos sociais, em especial organizações feministas. O desenvolvimento da História das Mulheres, até hoje, conta com esforços para a constituição de uma teoria⁹. Advindas de diversas áreas do conhecimento, iniciam-se as primeiras proposições acerca do conceito de gênero, a partir da década de 1980 (SOIHET; PEDRO, 2007).

O conceito gênero reforça a ideia de que as desigualdades e diferenças entre homens e mulheres não dependem do sexo biológico, mas da cultura. Seu uso indicaria as construções sociais das ideias sobre os papéis próprios ao feminino e ao masculino (SCOTT, 1994). Os debates das relações de gênero problematizam relações de poder, desigualdades e injustiças presentes na relação entre homens e mulheres.

Por esses percursos teóricos, elencamos o jornal Folha do Norte do Paraná como fonte e objeto de estudo pensando a imprensa enquanto força ativa da vida moderna, atuando na constituição de nossos modos de vida, perspectivas e consciência histórica (DARNTON, 1990). Pela inserção histórica dos jornais, há de atentar-se para sua influência social, cuja proposta consiste em não só ser um retrato que oferece fatos e atualidades, mas também possui “[...] função normatizadora, ou seja, de modelar e estabelecer linhas divisórias, que eram ao mesmo tempo visíveis e invisíveis, definindo os papéis de gênero” (ROSA, 2009, p.1).

Gênero e família sob o olhar da Folha do Norte do Paraná

A análise do *corpus* do jornal é realizada a partir de duas colunas: "Reconstruir o mundo" (assuntos religiosos) e "Folha feminina" (temas ligados à dicas de moda, beleza e culinária). Dentre os conteúdos destas colunas, destacamos principalmente matérias dos anos 1964 e 1965, pois nota-se a presença de vasto material sobre o tema de interesse da pesquisa. Para falar sobre família, foi essencial a lente conceitual dos

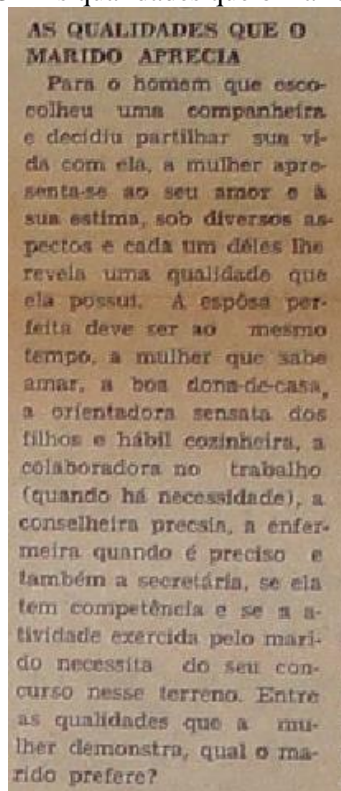
⁹ No Brasil, a consolidação do campo da História das Mulheres contou com o trabalho de historiadoras como Maria Odila Leite da Silva Dias, Margareth Rago, Miriam Moreira Leite, Martha de Abreu Esteves, Raquel Soihet, Eni de Mesquita Samara, Magali Engel, entre outras, que desde os anos 1980 vem publicando pesquisas na área. Na década de 1990, a publicação do artigo “Gênero: uma categoria útil de análise” escrito por Joan Scott teve grande influência na produção acadêmica brasileira. Por meio de tais caminhos, foram estruturados desde 2001 uma série de Grupos de Trabalhos em diferentes associações. Destacam-se também uma série de dossiês e publicações em revistas como *Cadernos Pagu* e a *Revista Estudos Feministas*, entre outras (SOIHET; PEDRO, 2007).

estudos de gênero, enfatizando o caráter social e histórico de concepções baseadas nas percepções das diferenças sociais (STEARNS, 2007).

Na coluna feminina do periódico, encontram-se elencados temas familiares camuflados como dicas de beleza e de comportamento. Tratam-se de conselhos para evitar os ciúmes, orientações sobre como esperar o marido chegar do trabalho, tal como nos seguintes trechos de matérias: “os homens gostam de serem desejados, mas nunca vigiados como uma propriedade exclusiva”; “mude frequentemente de penteado: ao homem agrada a variedade” (FOLHA DO NORTE, 1965).

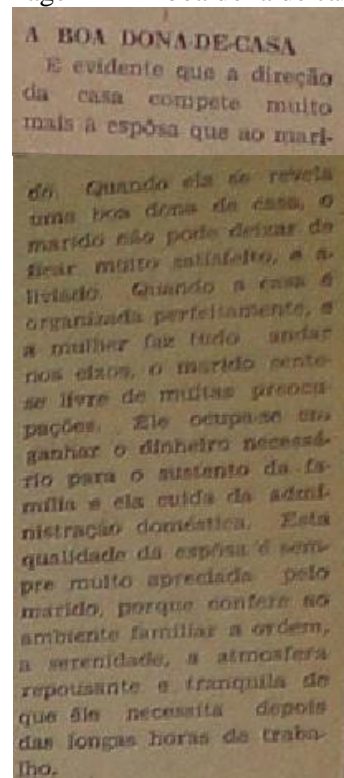
Estes frequentes conteúdos fazem alusão a uma representação da mulher – que como argumenta Silvia Sasaki (2011) ao pesquisar o Jornal das Moças – “oferecia conforto ao marido e supria todos os amores e necessidades de um ou mais filhos, sempre disposta ao perdão e sem cobrança ou reconhecimento” (SASAKI, 2011, p. 2). Os recortes de 1964 apresentados a seguir, exaltam a figura de boa esposa, boa dona de casa/cozinheira e boa mãe.

Imagem 3 - As qualidades que o marido aprecia.



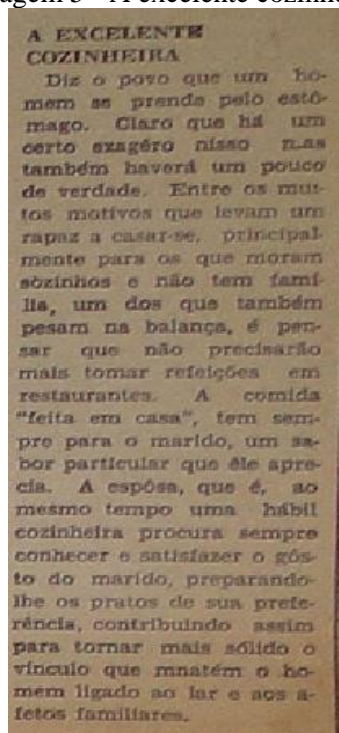
Fonte: Folha do Norte do Paraná, 6 fev. 1964.

Imagem 4 - A boa dona de casa.



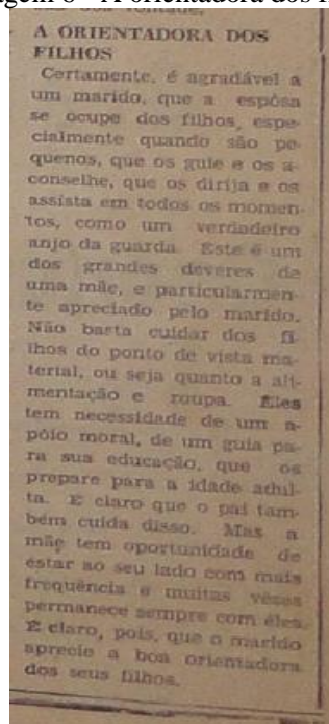
Fonte: Folha do Norte do Paraná, 6 fev. 1964.

Imagem 5 - A excelente cozinheira.



Fonte: Folha do Norte do Paraná, 6 fev. 1964.

Imagem 6 - A orientadora dos filhos.



Fonte: Folha do Norte do Paraná, 6 fev. 1964.

A primeira matéria de 1964, imagem 3, revela a necessidade de devoção da esposa ao marido, de modo que a “esposa perfeita” deve amar, cozinhar, cuidar da casa e dos filhos e colaborar, quando preciso, no trabalho do esposo, além de ser “secretária e enfermeira da família”. No segundo recorte, imagem 4, afirma-se que os cuidados com o lar são tarefas principalmente femininas e, quando a mulher é boa dona de casa, o marido pode ficar mais satisfeito e aliviado, livre de preocupações, podendo ocupar-se apenas com o dinheiro que trará para casa pois, tendo uma esposa exemplar, pode descansar em um ambiente tranquilo onde a ordem familiar se mantém.

Já a imagem 5 denota que os homens apreciam mulheres que cozinham bem, pois, assim, não precisarão comer em restaurantes. Os talentos culinários femininos também são entendidos como capazes de manter um sólido relacionamento familiar entre o casal. A quarta matéria, imagem 6, denota que a mulher, ocupando-se do cuidado dos filhos, deve guiar sua prole como um “anjo da guarda”, sendo este o dever da mãe e qualidade que agrada ao homem. Quanto aos cuidados materiais em relação às crianças, estes também são atribuídos ao pai, mas por permanecer mais em casa, a mulher é a responsável.

Percebemos como nessas representações “os limites da masculinidade e da feminilidade reservam quase sempre imagens de força e iniciativa para o homem; doçura, passividade, ‘instinto maternal’ e sentimentalismo para a mulher” (PINSKY, 2014, p. 51). Nessas representações, vemos seu caráter generalizante e estereotipado, que dissolve diferenças e perpetua argumentos explícitos sobre a família, relacionados à “natureza” da mulher – do cuidado, do senso de maternidade, etc.

É nesta direção que “pesquisadoras feministas têm argumentado que a divisão doméstica do trabalho, e especialmente a prevalência da mulher à frente da criação dos filhos, são socialmente construídas” (OKIN, 2008, p. 315), porque esses discursos, quando repetidos em diversos contextos, tendem a se consolidar.

Com relação à questão da mulher no Brasil, nesta direção, os movimentos feministas brasileiros nas décadas de 1960 e 1970 contestavam a ordem política instituída, manifestando descontentamento e, em alguns casos, subvertendo os códigos de conduta da época ao questionar o lugar tradicionalmente atribuído à mulher na sociedade (GIANORDOLI-NASCIMENTO; TRINDADE; SANTOS, 2007). É possível afirmar que os movimentos feministas desse período contribuem para o questionamento do estereótipo da mulher associada ao espaço privado, à dedicação aos afazeres domésticos, e à educação da família (SARTI, 2004).

A associação imediata da mulher com a esfera doméstica reforça a afirmação de que “a desigualdade social entre o masculino e o feminino é uma construção social, cultural” (ALMEIDA, 2012, p. 13), que atende às exigências de padrões de comportamento provenientes de discursos e de modelos sociais normatizadores.

De modo geral, e em especial nas mídias, o papel social da mulher não é apresentado de maneira que contemple diversidades de modos de ser e de viver. Pelo contrário, como explicitam Faria, Cunha e Silva (2012, p. 11), “ideias como sacrifício, dedicação e necessidade, estão associadas à função da mulher”, em um modelo homogeneizador e vigilante.

Em investigações anteriores, já se verificou, por exemplo, que as propagandas presentes no Folha do Norte do Paraná que tinham mulheres como público-alvo relacionavam-se a cuidados com o lar, com os filhos, com sua beleza e corpo, em anúncios de produtos ou serviços que vinculam a mulher a determinados espaços e funções. Estas representações estão intrinsecamente ligadas a diferenças de gênero, de

modo que “é bastante razoável pensar que, por exemplo, em troca da inferioridade do feminino na hierarquia de gênero, o discurso da ordem e da estabilidade atribua à dona de casa o título de ‘rainha do lar’ a fim de promover o conformismo” (PINSKY, 2014, p. 284-285).

A divisão do trabalho entre os sexos denota que os homens são ligados às ocupações da esfera da vida econômica e política e às mulheres atribuem-se ocupações ligadas à domesticidade e reprodução (OKIN, 2008). Nesta ideia de família a mulher é dependente, primeiro do pai, depois do marido – e, em alguns discursos, até mesmo dos filhos. As matérias do jornal Folha do Norte do Paraná ilustradas denotam esta noção, ao passo que se percebe que a repetição destes modelos confere a eles legitimidade e continuidade.

Quando tratamos das relações da mulher com o lar e a família, não é intenção denotar que o papel doméstico seja, em si, uma forma de opressão reiteradora de desigualdades, mas apontamos a desigualdade presente nas noções de associação imediata entre mulher e responsabilidades no âmbito da família e do lar como tarefas obrigatórias, dissolvendo diferenças em um estereótipo comum.

Destacamos, também, que a posição social da mulher recebe influências de padrões e tradições culturais, em uma sociedade estruturada por relações em que o modo como somos e vivemos depende de identificações de gênero. Compreender essas representações, práticas e discursos permite desmistificar a associação da mulher com a esfera doméstica, assim como a responsabilidade de cuidar de si e dos outros segundo padrões externos que foram internalizados historicamente.

Por esse viés, entendemos o simbólico valor social de colocar a família como instituição com regras de conduta. Quando se fala de família e de relações de gênero desvenda-se essa dinâmica como uma relação de poder, porque subjuga-se a mulher a partir de uma posição forjada pelo discurso masculino (ALMEIDA, 2012).

Há de se considerar, ainda, as matérias ligadas à religião católica, pois o jornal se configura como um empreendimento da Igreja. Neste aspecto, é possível identificar na coluna religiosa a recorrência de matérias que se propõem explicar os dogmas da Igreja em relação ao divórcio, por exemplo. Como aponta a matéria de título “A Bíblia permite ou não permite o divórcio”, publicada em 13 de maio de 1964, que enfatiza que

um verdadeiro cristão não faz uso do divórcio, classificando esta como uma atitude anti-bíblica.

Em 27 de maio de 1965, a reportagem “Matrimônio e Oração”, assinada pelo Padre Paulo Peyton, valoriza o casamento como uma união indissolúvel, e destaca a castidade matrimonial, além de combater alguns efeitos da modernidade como a nova onda de amor livre, apontando que

A instituição do matrimônio está sendo abalada por uma onda de amor e moral livres. E isso está se tornando um câncer espiritual que ameaça demolir os legítimos fundamentos da vida do lar (FOLHA DO NORTE, 1965).

A matéria continua argumentando que a vida conjugal se configuraria na união entre o homem, a mulher e Deus¹⁰, orientando os casais com o seguinte conselho: “família que reza unida permanece unida” (FOLHA DO NORTE, 1965).

No dia 22 de maio de 1965, a matéria “Semana da Realidade Matrimônio na Catedral” noticia sobre a realização de palestras e curso ministrados por padres, com temas em torno de assuntos como ciúmes, vida a dois, incompatibilidade, formação dos filhos e do lar religioso. Muitas matérias tinham a perspectiva de didatizar e trazer a público o posicionamento religioso diante de questões da época, num modelo de “boa imprensa”, composta por uma série de publicações coordenadas por clérigos, sendo a estandarte do catolicismo oficial, propagando as “corretas” formas de conduta diante dos avanços e mudanças propagadas pelo desenvolvimento urbano e econômico do país (RIBAS, 2011).

Os conteúdos presentes tanto na coluna feminina quanto na coluna religiosa do jornal Folha do Norte do Paraná evidenciam que a discussão sobre a importância de uma definição do que é o núcleo familiar, além de controversas, são recorrentes. Pouco se avançou, em termos concretos do debate, quando comparamos os cenários da década de 1960 e de 2015/2016.

¹⁰ A partir de 1978, inclusive, o Jornal Folha do Norte do Paraná passa a imprimir, logo abaixo do seu logotipo, em todas as capas, a expressão “O jornal da família”. Conforme afirmam Cruz e Peixoto (2007, p. 261), ao analisar a composição dos jornais: “os subtítulos, na maioria das vezes trazem indicações valiosas sobre quem fala e para quem almeja falar determinada publicação”, isto é, serve como uma espécie de slogan, que traduz o conceito que o periódico deseja passar e é coerente com a linha editorial do jornal.

Quando olhamos para a proposta do Portal da Câmara de criação de um Estatuto da Família que visa reiterar a noção família como núcleo formado a partir da união entre homem e mulher, é possível compreender de que maneira os argumentos religiosos (presentes nos exemplos de análise deste estudo) seriam contribuições na formação dos “lares cristãos”. Os exemplos (das reportagens do periódico e do projeto de lei 6583/13) apontam para a preocupação com a manutenção das famílias formadas segundo modelo pai, mãe e filhos.

Considerações finais

A partir das reflexões tecidas sobre as recorrências, noções e percepções que perpassaram conceitos de família, surgem caminhos e possibilidades de debate. Questionamos se a noção cristalizada de família que gira em torno do modelo pai, mãe e filhos têm sua legitimidade social originada no contexto religioso, ontem e hoje.

Compreendemos que, cada vez mais, a palavra passa a contemplar diversas outras uniões (tal qual se defende na ação realizada pelo Humaniza Redes, Facebook Oficial da Presidência e as mudanças nos dicionários Houaiss e Michaelis em 2015).

É pertinente ressaltar que as instituições religiosas são grupos de pressão de destaque quando se trata de discutir a questão (em momentos tais como o da enquete no Portal da Câmara) e avaliar que essa presença é historicamente constituída, como pudemos observar nas reportagens da coluna feminina e da coluna religiosa do jornal Folha do Norte do Paraná há 50 anos atrás, na década de 1960.

Embora a luta pelo reconhecimento de direitos a uniões "não-tradicionais" sejam cada vez mais presentes na realidade social, percebemos que muito do que se discutia no passado ainda é pauta atual, e os debates sobre o tema permanecem como antes.

Para além dos princípios e argumentos provindos de fontes religiosas, é necessário também abordar vieses que representem pontos de vista capazes de contemplar os modos de vida diversos. Cabe olhar para o conceito de família no intuito de desvendar multiplicidades de sentidos produzidos pela palavra, problematizando que o termo talvez já não abarque as composições que se vêem nas casas dos brasileiros. Em se tratando de temática tão atual e complexa, compreendemos que a discussão há que ser pautada e ampliada.

Referências

- ALMEIDA, Angela Maria Menezes de. Feminilidade: caminho de subjetivação. **Estudos de psicanálise**, Belo Horizonte, v. 4, n. 38, p. 29-44, 2012.
- CORRÊA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira: notas para o estudo das formas de organização familiar do Brasil. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n. 37, p. 5-16, 1981.
- CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Revista projeto história**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, 2007.
- FARIA, Lia Ciomar Macedo de; CUNHA, Washington Dener dos Santos; SILVA, Rosemaria Josefa Vieira da. Memórias e representações femininas: Ideologias e utopias dos anos 60. **Revista vozes dos vales da UFVJM**, Minas Gerais, v. 1, n. 2, p. 1-14, 2012.
- GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid; TRINDADE, Zeidi; SANTOS, Maria de Fátima. Mulheres brasileiras e militância política durante a Ditadura Militar: a complexa dinâmica dos processos identitários. **Revista interamericana de psicologia**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 359-370, 2007.
- NADER, Maria Beatriz; RANGEL, Livia Silveira. Família. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados: Ed. UFGD, 2015, P. 233-238.
- OKIN, Susan. O gênero, o público e o privado. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 305-332, 2008.
- PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.
- RIBAS, Ana Claudia. A Boa Imprensa, a política e a família: os discursos normatizantes no jornal O Apóstolo (1929-1959). **Espaço plural**, Marechal Candido Rondon, n. 24, p. 96-106, 2011.
- SAMARA, Eni de Mesquita. O que mudou na família brasileira? (da colônia à atualidade). **Psicologia USP**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 27-48, 2002.
- SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Revista estudos feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 35-50, maio/ago. 2004.
- SASAKI, Silvia. Santos evangelhos e fotonovelas: presença religiosa nas páginas do periódico Jornal das Moças (1948-1965). Anais do III Encontro Nacional do GT História das religiões e das religiosidades – ANPUH: Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. In: **Revista brasileira de história das religiões**. Maringá, v. 3, n. 9, p. 1-13, 2011.

SCOTT, Joan. Prefácio à Gender and Politics of History. **Cadernos pagu**, n.3, 1994, p.11-27.

SILVA, Márcia Pereira da; FRANCO, Gilmar Yoshihara. Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. **Revista história em reflexão**, Dourados, v. 4, n. 8, jul./dez. 2010 p. 1-11.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista brasileira de história**, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. São Paulo: Contexto, 2007.

CÂMARA, Portal da. Câmara Notícias – Institucional: **Enquete sobre estatuto da família chega a um milhão de acessos**. Publicado em 26 maio 2014. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/comunicacao/institucional/noticias-institucionais/enquete-sobre-estatuto-da-familia-chega-a-um-milhao-de-acessos>> Acesso em 29 maio 2016.

CÂMARA, Portal da. Direitos Humanos - Câmara notícias: **Câmara promove enquete sobre conceito de família**: Texto-base para o Estatuto da Família define entidade familiar como o núcleo formado a partir da união entre homem e mulher. Publicado em 11 fev. 2014. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITOS-HUMANOS/461790-CAMARA-PROMOVE-ENQUETE-SOBRE-CONCEITO-DE-FAMILIA.html>> Acesso em 16 abr. 2015.

DELCOLLI, Caio. HuffPost Brasil. **Para rebater estatuto da família, campanha muda significado de 'família' no dicionário Houaiss**. Publicado em 09 maio 2016. Disponível em: <http://www.brasilpost.com.br/2016/05/09/dicionario-houaiss-palavr_n_9873224.html?ncid=fbklnkbrhpmg00000004> Acesso em 29 maio 2016.

FACEBOOK Oficial Dilma Rousseff. O que importa é o amor. Publicado em set 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/SiteDilmaRousseff/photos/a.351365628250368.87876.351338968253034/996309157089342/?type=3&theater>>. Acesso em: 26 set. 2015.

FORUM, Revista. Após petição online, dicionário Michaelis muda definição de casamento. Publicado em 2 julho 2015. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2015/07/02/apos-peticao-online-dicionario-michaelis-muda-definicao-de-casamento/>> Acesso em 29 maio 2016.

FOLHA DO NORTE do Paraná. **A bíblia permite ou não permite o divórcio**. 13 de maio de 1964. Acervo do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de poder. 2015.

FOLHA DO NORTE do Paraná. **As qualidades que o marido aprecia**. 6 de fevereiro de 1964. Acervo do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de poder. 2015.

FOLHA DO NORTE do Paraná. **A boa dona de casa**. 6 de fevereiro de 1964. Acervo do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de poder. 2015.

FOLHA DO NORTE do Paraná. **A excelente cozinheira**. 6 de fevereiro de 1964. Acervo do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de poder. 2015.

FOLHA DO NORTE do Paraná. **A orientadora dos filhos**. 6 de fevereiro de 1964. Acervo do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de poder. 2015.

FOLHA DO NORTE do Paraná. **Conselhos às baixinhas**. 08 de março de 1965. Acervo do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de poder. 2015.

FOLHA DO NORTE do Paraná. **Conselhos para dona de casa**. 05 de março de 1965. Acervo do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de poder. 2015.

FOLHA DO NORTE do Paraná. **Matrimônio e oração**. 27 de maio de 1965. Acervo do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de poder. 2015.

FOLHA DO NORTE do Paraná. **Semana da realidade matrimonial na catedral**. 22 de maio de 1965. Acervo do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de poder. 2015.

HUMANIZA REDES, Pacto Nacional de Enfrentamento às Violações de Direitos Humanos na internet. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.
Participe: Faça o download das nossas peças e humanize as redes você também!

Disponível em: <<http://www.humanizaredes.gov.br/participe/>> Acesso em 16 de abril de 2015.

PRAZERES, Leandro. Uol Notícias – Cotidiano. **Câmara vê fraude e fecha enquete do estatuto da família com 10 mi de votos**. Publicado em 28 ago. 2015. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/08/28/camara-detecta-fraudes-e-muda-sistema-de-enquetes.htm>> Acesso em 19 maio 2016.